# Índice

*de 8 a 12 de setembro de 2020*
Motor e veneno 7
*de 13 a 19 de setembro de 2020*
Sirene e perigo 11
*de 29 de setembro a 3 de outubro de 2020*
Um milímetro, o hipopótamo 15
*de 4 a 10 de outubro de 2020*
Humanos, máquinas e animais 19
*de 11 a 17 de outubro*
0,00001%, Ra-Ra-Rasputin 22
*de 18 a 24 de outubro de 2020*
O som mais quieto do mundo 26
*de 25 a 31 de outubro de 2020*
O mesmo vento, duas velocidades 30
*de 1 a 7 de novembro de 2020*
Pulmões, borboleta, piano; piano, borboleta, pulmões 33
*de 8 a 14 de novembro de 2020*
O belo som da feia cidade 36
*de 16 a 21 de novembro de 2020*
Luz e mensagem, consumo e contemplação 40

*de 22 a 28 de novembro de 2020*
Histórias amorosas, novas e antigas 44
*de 29 de novembro a 5 de dezembro de 2020*
Realidade e rinoceronte 48
*de 13 a 19 de dezembro de 2020*
O motor do rosto e uma canção 52
*de 20 a 26 de dezembro de 2020*
O vinho, os feios, o gato 56
*de 27 de dezembro de 2020 a 2 de janeiro de 2021*
Humanismo e futuro 60
*de 3 a 9 de janeiro de 2021*
Céu e guilhotina 63
*de 10 a 18 de janeiro de 2021*
Uma semana dura
A morte está já a ganhar 66
*de 24 a 30 de janeiro de 2021*
Afogados em terra firme 69
*de 14 a 20 de fevereiro de 2021*
Febre e sol 73
*de 1 a 5 de março de 2021*
A filha 77
*de 6 a 12 de março de 2021*
A atualidade e a raiva 81
*de 13 a 19 de março de 2021*
De joelhos e no espaço 84
*de 20 a 26 de março de 2021*
Melancolia não é alegria 88
*de 27 de março a 3 de abril de 2021*
Uma nota de 50 libras 91
*de 4 a 10 de abril de 2021*
Beleza e velocidade 94

*de 11 a 17 de abril de 2021*
A dor e o dia do meio 97
*de 18 a 24 de abril de 2021*
A economia é um problema teu — a festa, um problema nosso 101
*de 25 de abril a 3 de maio de 2021*
O povo que manda, e o sadismo 105
*de 4 a 7 de maio de 2021*
Napoleão e as duas horas de síntese 108

*de 8 a 12 de setembro de 2020*

## Motor e veneno

Uma ditadura fez desaparecer uma opositora numa carrinha branca.

Cuidado com as carrinhas brancas.

O quadrado branco de Malevitch fez os espectadores dizerem: cuidado com os quadrados brancos, a arte está a perder o sentido.

Mas um quadrado branco não rapta os seus opositores nem os mata.

E já não há discussões estéticas com pistola ou punhal em que o amante de Dostoievski usa a lâmina para convencer finalmente o amante de Tolstói da superioridade literária do primeiro.

Agora do primeiro e do segundo perguntam: quem?

E Tolstói não gostava de comboios; adoeceu num, morreu numa estação.

Nas piores ditaduras, uma pessoa desaparece viva numa carrinha branca e depois reaparece morta numa carrinha preta.

Dois tipos de carrinhas ao serviço da vaivém violento.

O tráfego da violência é branco e preto.

No meio dessas duas cores extremas está a conversa designada, pela ciência moderada, como argumentação.

A argumentação tem pelo menos dois lados, mas é bom ter tantos lados quantos os ângulos de uma circunferência.

A argumentação só com um lado não é argumentação, mas um massacre.

360 graus tem uma argumentação sensata num país sensato.

Mas a argumentação não toca lá muito o coração das bestas que têm forma de política violenta.

Não apenas o corpo, o coração dos violentos também está num *bunker* bem protegido da empatia e de outros afetos que ligam um sujeito aos outros.

As bestas não têm coração, têm um plano.

Confundem os próprios batimentos cardíacos com o tic-tac do relógio central.

Acerta o relógio central pelo coração do ditador, não o inverso. Eis a ditadura.

Tem as horas que o chefe quer.

Declaro que são três da manhã mesmo que sejam sete da tarde.

O que é necessário é dizer: sim, senhor doutor — antes que lancem matilhas de carrinhas brancas pela cidade como antes libertavam matilhas de mastins esfomeados para correr atrás de quem queria fugir ou dizer um súbito NÃO no meio da multidão dos sim-sim.

É preciso subir um degrau na hierarquia do progresso maligno. Do cão para a carrinha branca.

Em vez de dentes e velocidade, velocidade e motor.

Leio uma notícia: "Os ateus parecem dormir melhor do que os cristãos."

Investigação da Baylor University do estado norte-americano do Texas.

1501 voluntários questionados sobre crenças religiosas e "eventuais dificuldades ao adormecer."

O estudo concluiu que "os não-cristãos tinham menos dificuldades em adormecer".

Penso no livro de Bertrand Russel *Porque não Sou Cristão*. Racionalista. Esqueceu-se do argumento do sono.

Gosto da ciência que junta dois pontos da infinita vida de um vivo e tira depois conclusões, para toda a vida de todos os vivos, à velocidade da luz.

Esta ciência pouco difere da demência.

Uma vez cruzei-me com um louco que garantia que era por estar descalço que os dias terminavam mais cedo.

Eu falei-lhe do inverno. Tinha chegado.

Ele abanou a cabeça e garantiu que não.

Os dias e a luz acabavam mais cedo porque ele tinha deixado de usar sapatos.

Se encontrarmos 1500 loucos voluntários a dizer o mesmo, temos uma conclusão estatística.

Mas os loucos não são, felizmente, facilmente voluntários.

Leio *A Verdade do Mundo Técnico* de Friedrich A. Kittler.

Ele lembra Albert Speer, o arquiteto de Hitler.

A "teoria das ruínas": "Toda a arquitetura deve ter em conta o seu futuro valor como ruína."

As ruínas de um palácio magnífico serão magníficas.

Construir um palácio para ser magnífico enquanto não é bombardeado e para ser uma magnífica ruína depois de ser bombardeado.

Mas talvez uma cabana torta dê também, quem sabe, uma ruína magnífica.

Penso na vida dos vivos mais novos: que as suas ruínas sejam magníficas.

Eis um belo propósito de vida: que as minhas ruínas sejam magníficas. Que as tuas também.

Alexei Navalny, um opositor de Putin.

Foi envenenado com *novichok*.

Um veneno não acerta como uma bala acerta.

Acerta como uma mancha maligna que se dilui no corpo.

Mas por vezes, como a bala, o veneno também tem boa ou má pontaria.

A mancha do veneno só acerta em definitivo quando, como uma mancha escura de petróleo, ocupa — com toda a sua cor e cheiro — uma superfície que antes respirava e tinha uma cor mais clara e saudável.

Hospital em Berlim. Alexei Navalny parece que recuperou. Saiu do estado de coma.

Cuidado com o veneno que não se vê e cuidado com as visíveis carrinhas brancas.

Que chegues ao estado de bela ruína por ti próprio e pelo belo do tempo que avança, não pelo bombardeamento apressado, envenenamento, etc.

(Agora) tentar dormir como um cristão com sono profundo de um ateu.

Acho que apanhei uma insónia por acreditar em todas as crenças do mundo pelo menos por um minuto.

Há um ditado arménio que diz que uma borboleta, ao pousar sobre um ramo, tem medo de o quebrar.

Que uma borboleta assim tão cuidadosa vigie o nosso sono.

*de 13 a 19 de setembro de 2020*

## Sirene e perigo

Caetano Veloso a cantar “Hey Jude”. Esta semana.

O que é necessário para cantar assim?

Nada de técnico.

A voz de um cantor não acumula informação com o tempo.

Não se trata nem de acumulação nem de informação.

É sim uma forma de achado dentro do corpo e da biografia, uma arqueologia íntima.

Ao fim de muitos anos encontrou este tom no corpo.

Leio John Ashbery: “Não há tempo para o acaso, não sobra um momento para o aleatório,

Porque fechámos o dia com negócios, disto no fundo se trata.”

Fechar a sete chaves um dia por dentro.

Fechar a sete negócios um dia por dentro.

Ninguém entra, nenhum imprevisto, nenhuma novidade.

Mistura moderna entre saúde e economia.

O número de negócios por dia substitui o número de batimentos cardíacos.

Em Lisboa, filmagens necessárias.

Vejo múltiplos dedos a desinfetarem-se com minúcia de pré-operatório.

Dez dedos evidentes têm os humanos em tempo de pandemia.

As mãos voltaram aos bípedes de pés apressados no meio da cidade.

As escolas ansiosas — edifícios, objetos e humanos.

Há muitas formas de saber o mesmo.

Há uma forma tonta de saber o mesmo que alguém sabe de forma sábia.

Pode ser uma lengalenga repetida à entrada das escolas que agora recomeçam.

Há uma forma tonta de saber o mesmo que alguém sabe de forma sábia.

Apresentação rápida de dois sujeitos que sabem: sei de forma sábia. Sei de forma estúpida.

O matemático Adam Kucharski fala de vários contágios que envolvem vírus, dinheiro, gordura, desinformação e violência.

Uma informação falsa é contagiosa, a violência também.

Comprei os *Sonhos* de Walter Benjamim por um preço bem acessível. Edições do senhor teste.

Sirenes soaram na Alemanha.

Estavam caladas desde a Guerra Fria.

Um treino esta semana para avisar de possíveis catástrofes.

A sirene mantém a voz com o tempo.

Não ganha sabedoria, mas não perde potência.

Não perde potência, mas não ganha sabedoria.

Lotte, alemã de 52 anos, "disse que se sentiu 'arrepiada' quando as sirenes tocaram esta semana".

Antes da reunificação da Alemanha, havia 86 mil sirenes.

Uma voz constante de um cantor técnico que diz: perigo, cuidado.

O som das sirenes como uma canção antiga, uma canção histórica.

Uma nota só, que vai subindo e assustando.